

Geografia, gênero e sexualidades: desafiando as práticas investigativas.

RESUMO

As reflexões metodológicas expressas no texto foram realizadas durante uma investigação de pós-doutorado sob o título “Imigração ilegal e as representações sociais das brasileiras profissionais do sexo na Espanha”, desenvolvida em 2008. O foco deste trabalho é refletir sobre as transformações das imaginações ontológico-geográficas e sua simbiose com os modos de realizar as práticas investigativas e os desafios inerentes a esse processo. Para tanto, são explorados os movimentos de aproximação entre as abordagens feministas e *queer* associados à Nova Geografia Cultural, trazendo para a análise a concepção de pesquisa como processo resultante da reflexão sobre a posicionalidade do pesquisador em relação ao fenômeno estudado e suas implicações.

Palavras chave: prática investigativa, posicionalidade, flexibilidade, geografia feminista, *queer*

GEOGRAFIAS FEMINISTAS PÓS-ESTRUTURALISTAS E EMERGÊNCIA DA GEOGRAFIA QUEER

As chamadas “Geografias feministas” possuem uma tradição de quase trinta anos na ciência geográfica, quando se considera a produção científica anglo-saxã. O movimento feminista das geógrafas, que denunciava a invisibilidade das mulheres como sujeitos e objetos da ciência geográfica, desestabilizou a noção da ciência como um saber neutro, objetivo, pautado nas verdades científicas e deflagrou um importante debate epistemológico que acabou por reconhecer a geografia como um saber moderno, eurocêntrico, masculino, branco e heterossexual.

Deste movimento emergem iniciativas de tornar visíveis grupos ausentes da produção científica geográfica e desenvolvem-se os estudos sobre as mulheres, gays e lésbicas, procurando evidenciar suas expressões materiais de produção do espaço, como a distribuição espacial das moradias e áreas de lazer, os deslocamentos físicos e as inserções de tais grupos nas relações produtivas e reprodutivas da sociedade burguesa e patriarcal.

Nos anos 90 novas críticas foram formuladas sobre as ausências do discurso geográfico produzidas por mulheres negras e homossexuais não brancos, deflagrando a incapacidade teórica e metodológica até então empreendida em produzir um conhecimento libertador e que desafiasse o poder da enunciação científica branca e ocidental. As categorias universais foram definitivamente colocadas em xeque e emerge um movimento identificado com as correntes pós-colonialistas e pós-

estruturalistas.

As ausências e silêncios de vários grupos sociais passaram a ser concebidas como resultado de uma determinada forma de se fazer a Geografia e essa perspectiva de crítica da construção histórica do saber provocou grande debate epistemológico / metodológico. A Geografia hegemônica passou a ser interpretada quase que pelo avesso, numa perspectiva de compreender a produção de invisibilidades do discurso geográfico e procurando desvendar a perspectiva de quem formulou os conceitos chave deste campo científico, assim como sua visão de mundo e sua posição de poder. Mesmo com a consciência de que as geógrafas feministas não podiam fugir completamente à ciência androcêntrica, elas lutavam contra o monotopismo e passaram a pensar, como expressa Mignolo (2004), através das fissuras dos quadros conceituais e ter a consciência da geopolítica do conhecimento estruturadas na diferença colonial e sexual epistêmica.

As ausências da produção do saber e do poder tornaram-se focos de interesse e concebidas como contraditórias e complementares às presenças e expressões geográficas. A percepção da falta de grupos sociais ou temas que estão fora do discurso hegemônico da Geografia, não mais se justificava por sua a-espacialidade ou sua inadequação como objetos deste campo científico, mas pela hegemonia de determinada forma de conceber a produção do espaço, pretensamente universal e neutra que abafava a voz dos grupos não hegemônicos.

Assim, as bases da construção do saber estavam sendo questionadas pelo movimento feminista que se desenvolvia num franco engajamento político, lutando contra as desigualdades sociais e ao mesmo tempo fazendo frente ao conhecimento até então legitimado na história do pensamento geográfico. No entanto, o movimento é complexo, abrangendo variadas vertentes filosóficas e posturas político-ideológicas. Para ilustrar um pouco dessa diversidade, o movimento é composto desde o radical estruturalismo até o pensamento humanístico e estão presentes desde mulheres católicas, até os movimentos pela legalização do aborto e pela liberdade sexual de homossexuais, transexuais, etc. Essas tensões internas do movimento produziram ricos elementos que propiciaram caminhos inovadores na produção geográfica, conforme argumentam Dias e Blecha (2007).

As críticas internas aludiam à necessidade de aceitar as variedades, as diferenças e destruir a estabilidade até então presente no conceito de gênero, oriundo dos anos 70. Valentine (2007) alerta que as mulheres lésbicas e suas reivindicações, que se diferenciavam daquelas eleitas pelas mulheres heterossexuais, foi um importante caminho de desconstrução da idéia de gênero como categoria estável e essencializada. Outro importante caminho crítico foi trilhado pelas mulheres negras que denunciavam o protagonismo das mulheres brancas na maioria das pesquisas geográficas e dos movimentos políticos como alertam Audrey Kobayashi e Linda Peake (1994) em *Unnatural discourse: 'race' and gender in geography*.

A noção essencialista dos gêneros, dos sexos e das sexualidades estava já completamente desestabilizada nos anos 90 e as influências do pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo levaram a um caminho de concepção da construção social destas categorias, somadas também por outras dimensões humanas como a raça, a idade e a classe. Estas transformações internas do movimento aproximam dois campos de pesquisadores, as(os) feministas identificadas (os) com esta última vertente compreendida pela abordagem desconstrucionista do gênero performativo e as(os) geógrafas(os) que produziam estudos sobre a sexualidade e espaço.

A reunião de esforços da Nova Geografia Cultural, da Geografia Feminista Pós-Estruturalista e da Geografia da Sexualidade se constitui em forte crítica teórico-metodológica da ciência geográfica e a noção desconstrucionista sobre a sexualidade permite a emergência da chamada Geografia *queer*¹. O pensamento *queer* inspirado na obra de Michel Foucault foi desenvolvido por Teresa de Lauretis em *The Technology of Gender* (1987), Donna Haraway em *Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature* (1991) e de forma mais expressiva por Judith Butler em suas célebres obras *Gender Trouble* de 1990 e *Bodies that Matter* de 1993. Na geografia, a influência do pensamento *queer* está expresso em obras das(os) geógrafas(os) como Gillian Rose, Linda McDowell, Nigel Thrift, Jon Binnie, Gill Valentine, Clare Lewis, Steve Pile, David Bell, entre outros.

A geografia incorpora a noção de construção social do sexo, gênero e desejo e as relações de poder inerentes a ela, num processo de permanente tensão e movimento. Ao incorporar a performatividade como o exercício do gênero, entendido como representação social, a geografia evidencia a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana e concreta e as possibilidades de subversão da própria ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa.

O poder, tal qual propõe Foucault (1988), é exercido em múltiplas e variadas direções, como uma rede constituída por toda a sociedade e nesse sentido, deve ser apreendido a partir das estratégias, manobras, táticas e técnicas de funcionamento. A identidade de gênero exercida pela performatividade, conforme Butler (1993), implica em um mecanismo que a condena inexoravelmente à mudança. Isso porque a identidade de gênero é uma representação que para existir, efetiva-se concretamente através do ser humano, de sua geograficidade e historicidade e nesse encontro, ocorre a enunciação do ato performático do gênero. A interação entre estas

¹ O pensamento acadêmico *queer* se desenvolve imbricado ao movimento social que lutava pela liberdade sexual que passou a questionar o caráter conservador do movimento homossexual que excluía sua diversidade interna. O protagonista era o homem branco, homossexual, de classe média alta que obscurecia a luta dos não brancos, travestis, lésbicas e transexuais, etc. Os pensadores *queer* constituem também os questionamentos sobre a organização das hierarquias sexuais que tornam invisíveis determinadas vivências. O termo *queer* apresenta ainda ambigüidades pois, assim como representa a unidade de pensadores em torno das identidades construídas socialmente, também é usado como forma de ofensa às pessoas homossexuais.

entidades jamais permite a reprodução ideal da norma de gênero subjetivada em práticas corporais, havendo uma cisão entre a norma que regula a atuação e a atuação regulada pela norma. Não são redutíveis uma a outra e, nesse sentido, a identidade é constantemente subvertida e aberta ao novo e é nesse contexto que se estabelece a necessidade da política identitária em que se estabelecem os processos de exclusão.

O espaço, nesse sentido, compõe o gênero performático, mas também os atos subjetivados que se diferenciam do ideal de gênero, jamais realizável em sua concretude. Esta concepção que desconstrói o caráter essencialista dos gêneros e, sobretudo, dos ideais de masculinidade e/ou feminilidade forjados na visão dicotômica, bipolar e heterossexual da compreensão das pessoas, possibilitou a inclusão de seres que não se enquadram perfeitamente nesta ordem e o exercício de múltiplas formas de masculinidades e feminilidades. Na vida cotidiana concreta, as performances de gênero são exercidas muitas vezes por corpos dissonantes do modelo hegemônico preconizado. O argumento desta perspectiva é que o gênero, construído permanentemente, é também produzido pela sua desconstrução, pois enquanto representação, o gênero se faz nas relações humanas e o espaço é fundamental nesse processo de construção/desconstrução.

O artigo de Larry Knopp '*On the relationship between queer and feminist geographies*' de 2007 aponta as contribuições distintivas da geografia *queer* ao conhecimento geográfico. Segundo Knopp (2007), a utilização das perspectivas pós-modernas e pós-estruturalistas, criticando o essencialismo que continha a classificação dos seres humanos a partir de suas opções sexuais contribui para desconstruir as imaginações ontológicas sobre a categorização e sistematização da realidade social a partir de mecanismos puramente racionais. Outro importante ponto de contribuição foi a construção da idéia do caráter híbrido e fluído das subjetividades sexuais e do significado da sexualidade para a realidade socioespacial. A geografia *queer*, segundo o autor, tem contribuído com campos já consolidados que passam a problematizar o significado da sexualidade nas instituições e na vida social como um todo. Um interessante exemplo é a imbricação da sexualidade com as esferas da produção e do consumo de mercadorias no campo da geografia econômica. Outro interessante campo é o estudo da sexualidade no desenvolvimento das redes virtuais e na composição dos imaginários sociais dos espaços. Enfim, o esforço desconstrucionista das verdades fixas e pré-estabelecidas possibilita construir uma geografia composta de interdependências e pluralidades das negociações entre os seres humanos e o espaço.

O movimento dos anos 90, que dissocia a pretensa ordem linear entre sexo, gênero e desejo e, as transformações sociais e bio-tecnológicas dos finais do século XX como o controle da fertilidade e reprodução humana, as intervenções cirúrgicas estéticas, a invenção

das próteses de vários tipos, as cirurgias de transgenitalização e o crescimento de doenças como a AIDS, trazem o corpo, seus atributos, sexualidades, sensações e desejos para o centro do interesse das ciências sociais e também da Geografia, embora que com menor intensidade. Isso porque o corpo esteve relacionado durante muito tempo à esfera do espaço privado e este último, foi preterido pelas(os) geógrafas(os).

A abordagem do corpo como lugar é apresentada por Linda McDowell (1999). Segundo ela, o corpo é um espaço em que o indivíduo se localiza e os limites são mais ou menos permeáveis em relação aos outros corpos. A forma física, o volume e o tamanho do corpo resultam na ocupação de um espaço físico e o modo como o corpo se apresenta frente aos outros é lido e percebido pelos demais e varia conforme o local que ocupam em cada momento.

A idéia de que o corpo não é algo fixo e acabado, mas maleável, moldável, variável, leva à utilização do termo corporalidade, a fim de melhor expressar a idéia de um estado corpóreo sujeito à transformações, conforme McDowell (1999). Para ela, a corporalidade capta o sentido de fluidez, de representação e das relações entre anatomia e identidade social. Embora a autora aborde várias formas de compreensão do corpo desenvolvidas na Geografia, esse trabalho destaca a idéia do corpo como representação, que sustenta grande parte dos estudos geográficos atuais sobre a sexualidade. A sexualidade é compreendida tal qual Foucault (1988) como sendo relacionada com os prazeres do corpo. Abrange, portanto, os desejos, identidades e condutas sexuais que são estabelecidas no processo de regulação social cotidiana e, sendo assim, a sexualidade é vivida temporal e espacialmente de diferentes formas.

As características físicas dos corpos não correspondem exatamente à representação do gênero instituída socialmente e a fluidez e a maleabilidade dos corpos constituem também os processos representacionais. Ser um homem ou uma mulher não é um fato natural, mas uma representação social. A “naturalidade” é nada mais do que a tentativa do discurso hegemônico da heterossexualidade em estabelecer uma coerência entre um conjunto de ações compulsórias do discurso que acabam por produzir um corpo categorizado pelo sexo. São os atos, os gestos, as vestimentas, os adereços que constroem e sustentam as identidades de gênero. Portanto, Butler (1990) argumenta que o efeito do gênero se produz através da estilização do corpo e esta é a forma de fabricar a “ilusão” da permanência do ser sexuado. O corpo na obra de Judith Butler não é uma superfície sexuada e pré-existente sujeitado à inscrição cultural da sociedade heteronormativa, mas ativo no processo representacional e pode atuar de forma a subverter o gênero performático. Isso, porque enquanto representação, o gênero não existe em sua concretude, mas em atos corporais que jamais podem ser vivenciados da forma genuína.

Esta idéia está presente na obra da geógrafa Linda McDowell (1999) que compreende ambos, corpo e conduta sexual, como construções sociais em constante transformação, tensionadas pelas relações de poder, constituídos em uma história e uma geografia.

A perspectiva crítica presente no movimento de transformação da geografia nos anos 90 despertou a necessidade de atitudes reflexivas em relação ao modo de produzir a ciência e subverter o poder instituído que naturaliza as injustiças cotidianas provocadas pela ordem compulsória da sociedade heteronormativa.

DESAFIOS ÀS PRÁTICAS INVESTIGATIVAS NA GEOGRAFIA

A emergência das teorias *queer* e feministas dos anos 90 colocam desafios à prática investigativa, evidenciando que o fazer científico também as hierarquias e injustiças sociais. Knopp (2007) utiliza-se da expressão '*Queering the geographical imagination*' para argumentar sobre novas formas de conceber e praticar a geografia. Afirma o autor que muito se prega, mas pouco se considera a indissociabilidade entre o material e o discursivo e complementa que, embora o pensamento humanista tenha procurado construir a prática geográfica integrando matéria e discurso, persistem ainda as fraturas entre as categorias.

O tipo de prática geográfica que Larry Knopp defende quando considera o duplo vínculo entre o material e o discursivo, implica considerar o corpo, sensações, sentimentos, emoções e desejos como equivalentes e integrantes aos valores atribuídos à racionalidade e à mente. Provoca os geógrafos a mais ousadia na expansão do terreno empírico, incluindo realidades complexas, desordenadas e fluidas. Recomenda aos investigadores da área a “temperar” a ambição intelectual com humildade, já que aquilo que produzimos como conhecimento científico é apenas mais um dado da realidade e que este é um processo sempre incompleto. Para finalizar, o autor apela para a modificação das nossas imaginações ontológico-geográficas, e deseja que nossos objetos de estudo sejam considerados de forma mais relacional do que autônoma, mais reflexiva do que objetiva e mais humilde do que ambiciosa. Segundo ele, o resultado dessas práticas geográficas seria uma geografia menos arrogante e elitista, mais esperançosa do que temerosa e mais humana do que “des” - humana.

Aquilo que é determinado como impensável, impraticável e indizível pela ciência, deve ser tensionado e a ordem da pretensa normalidade subvertida. Quem pesquisa, deve duvidar das 'verdades' que sustentam e dão guarida ao poder e cometer heresias contra os cânones do discurso científico, praticando aquilo que Butler (2004) chama de “certas ofensas necessárias” a fim de transpor as formas de leitura do discurso geográfico pois,

cuando pensamos em mundos que un día se convetirán em pensables, em decibles, em legibles, hacer visible lo que há sido repudiado y decir lo que antes era inefable se convierte em parte de uma 'ofensa' que se debe cometer para ensanchar al dominio de la supervivencia lingüística. La significación del lenguaje requiere abrir nuevos contextos, hablando de maneras que aún no han sido legitimadas, y por lo tanto, produciendo nuevas y futuras formas de legitimación (Butler, 2004, p. 73)

A humildade intelectual à qual nos alerta Knopp (2007) envolve a noção de que o processo investigativo contém em si a posicionalidade de vários elementos que se influenciam mutuamente. O encontro entre pesquisador(a) e pesquisado(a) em uma situação específica envolve ambas as posicionalidades, já que cada qual se posiciona socialmente a partir de pontos de vista diferentes. O saber produzido de uma dada realidade reúne as motivações das pessoas envolvidas que se expressam a partir delas, gerando, portanto, uma versão sempre parcial. Os efeitos produzidos deste encontro de motivações expressas, por sua vez, re-alimentam a própria realidade estudada num fluxo contínuo.

Em *Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics* a geógrafa Gillian Rose argumenta que a realidade socioespacial também se constrói a partir das relações de poder que se fundam nos enunciados científicos e na posição de quem os pronuncia. Portanto, a autora incorpora a necessidade da postura reflexiva da pessoa que pesquisa em relação aos seus resultados, já que as relações de poder inerentes ao processo investigativo implicam na produção de hierarquias. As versões da realidade produzidas por nós, pesquisadores(as), possuem maior poder de fazer valer suas idéias frente aos demais saberes sociais. As idéias que se imaginam, segundo ela, produzem a realidade social, assim como a realidade pode ser imaginada e é nesse sentido que se constrói uma importante discussão sobre a implicação política e social dos resultados de pesquisa e o compromisso ético na construção de uma realidade que é pluriversal.

Os confrontos dos múltiplos saberes sob a perspectiva da universalidade dos modelos de conhecimento resultou na ciência moderna que produz as ausências e silêncios e reforça as dominações. A postura pluriversal implica na prática geográfica subversiva que joga com e contra os conceitos da ciência hegemônica e contempla os saberes dos sujeitos silenciados no discurso moderno tradicional. Baseada na noção de poder de Michel Foucault, a geógrafa alega que o poder no campo científico, assim como todo o poder, é relativo e que ocorrem fissuras através das quais se pode transgredir o padrão instituído através de táticas desconstrucionistas à ordem estabelecida.

Qualquer construção de conhecimento implica em uma postura reflexiva em torno da interdependência entre conceitos já estabelecidos pelo campo científico e a realidade que se investiga. As escolhas teóricas implicam simultaneamente em operações metodológicas que lançam mão de instrumentos específicos. É importante dizer, portanto, que o estudo de grupos sociais

invisibilizados é bastante árduo, na medida em que eles não possuem, em geral, registros documentais facilmente detectáveis, acessíveis e intercambiáveis. Os acervos e arquivos não registram e resguardam as histórias de vida dessas pessoas e nem mesmo os bancos de dados estatísticos estão organizados de forma a facilitar a realização de investigações que intencionam produzir suas expressões.

As investigações voltadas às políticas identitárias dos últimos anos reivindicam uma postura reflexiva do pesquisador sobre os atos investigativos e sua posicionalidade em relação ao fenômeno que se estuda, tal qual argumentado por Knopp (2007) e Rose (1997). As tentativas de escapar às práticas geográficas criticadas por esta corrente, como a autoridade do(a) pesquisador(a), seu comportamento no trabalho de campo e os modos de interpretação das realidades socioespaciais, produziu a concepção de que a investigação não é um produto, mas um processo. Enquanto processo, as experiências e as interações pessoais entre pesquisadas(os) e pesquisadores(as) passam a compor os dados da própria investigação.

Assim, vou utilizar de minha experiência pessoal desenvolvida no campo de pesquisa durante meu estágio pós-doutoral. Longe de adotar uma postura egocêntrica e auto-centrada de análise, justifico esta abordagem pela minha incapacidade, neste momento, de realizar uma abordagem mais ampla, contemplando experiências de pesquisa de outros colegas. Minha investigação está voltada de forma geral para a análise das relações entre a imigração ilegal e as representações sociais das prostitutas brasileiras na Espanha². Procuro compreender os elementos definidores de suas rotas transcontinentais para o exercício da atividade comercial sexual, assim como as relações entre corpo, identidade, território brasileiro e práticas sexuais em território estrangeiro e ainda, os significados construídos por essas pessoas sobre a experiência socioespacial da imigração ilegal implicando no exercício da prostituição. Não pretendo aqui discutir meus resultados de pesquisa, mas elaborar uma reflexão sobre as práticas de pesquisa que envolvem as considerações realizadas por Rose (1997) e Knopp (2007).

Início por questionar minha própria posição no campo de trabalho junto aos grupos que estudo e de como minha presença física também passa a compor o espaço que exploro. Além disso, levanto os desafios dos efeitos de minha posicionalidade no campo de pesquisa sobre minha própria

² Mesmo que a intenção não seja discutir nesse trabalho os resultados da pesquisa, é importante evidenciar o contexto em que surge a idéia da exploração deste tema. As brasileiras presentes no mercado da prostituição da Espanha tornam-se expressivas nos noticiários do país e nos relatórios de investigação da polícia espanhola, num contexto em que os organismos internacionais discutem o “Tráfico de seres humanos com finalidade de exploração sexual”. Para se ter uma idéia, o número de prostitutas brasileiras detidas na Espanha aumentou 80%, passando de 3.332 em 2003 para 6.015 em 2005, segundo dados do Ministério do Interior espanhol. Em 2005, o informe criminológico construído pela Guardia Civil da Espanha indica que há cerca de mil bordéis no país. A polícia espanhola deteve 20.284 mulheres em seu território, caracterizadas como vítimas de tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual. Desse total, 98,77% eram estrangeiras, e as brasileiras representavam 30% destas, sendo que em 2003, elas representavam apenas 17%. Segundo a “*Asociación Nacional de Empresarios de Locales de Alterne*” (ANELA), o negócio da prostituição move 50 milhões de euros por dia na Espanha ou 18 bilhões ao ano.

identidade e das pessoas com quem passo a interagir e sobre a construção do modelo de análise resultante desse encontro. Tomo a liberdade de transcrever aqui trechos de meu diário de campo que possibilitam melhor explicitação de minhas idéias.

“Hoje, dia 28/04/2008, busquei o chamado “triângulo de Ballesta” na área central de Madri, local conhecido por ser uma área de prostituição. Trata-se de uma área em que o capital imobiliário vem exercendo forte pressão para seu 'saneamento' a fim de torná-la mais rentável. Minha expectativa inicial era de que a área fosse deteriorada e que as prostitutas se apresentassem com vestimentas provocantes ou ainda desnudas, tal qual os cenários que vivencio no campo de pesquisa de minha cidade. Pelo contrário, a “Calle de La Montera” na qual me encontrava é uma rua comum de comércio e serviços e os transeuntes são famílias, turistas, homens de negócio vestidos com ternos e gravatas e mulheres vestidas também de forma comum. Alguns grupos de mulheres se reúnem e é sua postura física e olhares que as identificam como prostitutas. Abordei algumas delas perguntando por brasileiras. Percebi que se reuniam por nacionalidades. Havia as do 'leste europeu', as africanas e as latinas. Mas as brasileiras eram muito raras entre as latino-americanas. Cada vez que me aproximava de um grupo, um homem se aproximava também e me indagava com agressividade sobre as razões de minhas perguntas. Me distanciei um pouco para evitar conflitos e me mantive em frente a uma vitrine e observava a dinâmica de agrupamentos de prostitutas por nacionalidades / racialidades e as táticas de que elas se utilizavam para atrair os clientes. Para minha surpresa, um homem de perto de quarenta anos se aproximou de mim e falou comigo. Compreendi que perguntava sobre o preço do programa e fiquei nervosa. Tentei explicar que não era prostituta e ele percebeu que eu era brasileira e ofereceu mais dinheiro. Eu fiquei muito confusa e quanto mais confusa, mais a oferta aumentava e os elogios pela minha 'brasilidade' também. Fui embora perdendo a paciência com ele. Talvez perdi a paciência porque havia sido significada como prostituta e meu lugar nobre de pesquisadora que observa o fenômeno 'de fora' foi desestabilizado e eu era mais uma delas. Mais um corpo nas ruas de Madrid, uma brasileira, uma prostituta.”

“Hoje é 17/04/2008. Ontem entrevistei Andrômeda³, travesti brasileira que estava com as costelas machucadas por uma agressão policial e resolvi voltar em seu ponto para ver como estava e dizer que havia conseguido uma consulta para ela. Ela estava embaixo de uma marquise. À noite, elas se vestem com mais ousadia. Andrômeda estava de sapatos altos e um vestido muito curto. Me aproximei dela e perguntei se estava melhor e ela estava furiosa. Um homem 'marroquino' havia lhe ofendido e jogado lixo sobre ela. Ela, indignada desabafava que não roubava, que estava ali só trabalhando e esse '*hijo de puta*' a agredia. Nesse tempo, o tal marroquino voltou e os insultos continuaram. Ela respondia, com seu 'portunhol' os insultos de forma cada vez mais agressiva quando o homem se aproximou com uma postura de quem iria atingi-la. Ela arrancou os sapatos altos, tirou uma corrente da bolsa e começou a girar chamando-o para a briga. Eu, assustada, peguei meu celular e disse que estava chamando a polícia. Ela gritou comigo, dizendo que se eu fizesse isso era ela quem iria presa. Meu coração parecia que iria sair pela boca, recuei e torci que ela desse conta do tal 'marroquino' que ficou com medo de Andrômeda e foi embora. Ele

³ Todos os nomes utilizados aqui são fictícios, embora as colaboradoras da pesquisa fizessem questão de registrar o nome com que se identificavam. Optei pelo anonimato a fim de protegê-las. Algumas, se queixam de minha posição, inclusive, pedem que sejam fotografadas e que explicito sua participação na pesquisa. Contudo, como não sei do alcance da publicização dos dados de pesquisa, achei melhor mantê-las anônimas, apesar dos protestos.

também havia me significado como uma prostituta, colega de Andrômeda. Eu estava perplexa. Não compreendia se a atitude que tomei era de solidariedade a seu pedido ou de medo de levar uma correntada também. Mas Andrômeda ria de sua valentia, dizia que travesti na rua tinha que ser 'muito macho' e significou meu ato de não chamar a polícia como uma lealdade, já que eu, como uma pesquisadora devidamente documentada, seria protegida pela polícia e eu preferi correr risco ao lado dela. Passou a me chamar de amiga. Eu agora penso que por muito pouco, minha interferência poderia provocar a prisão dela e eu estaria prejudicando o grupo que estudava.”

“Hoje é 10/06/2008 e entrevistei Pandora. Depois da entrevista, pedi que ela me indicasse outras colegas para que eu pudesse entrevistar, como sempre faço. Um contato leva a outro. Ela riu de mim e disse que minha entrevista era muito chata e cansativa. No entanto, disse que 'tinha ido com minha cara' e se poderia me dar uns conselhos sobre meu roteiro de entrevistas e o perfil de algumas questões que eu formulava. Eu concordei. Fez suas críticas e ajudou a reestruturar meu roteiro. Na próxima entrevista vou sentir se a reestruturação melhorou a relação com as pessoas que pesquiso. O mais incrível é que ela, ao mesmo tempo que me concedia a entrevista me analisava e fazia julgamentos também sobre meus procedimentos. Depois de tantos anos de atuação em pesquisas foi a primeira vez que senti que o encontro da entrevista é um momento realmente único e que o saber que ali se constrói não é, de forma alguma, mérito meu, mas da relação que se estabelece com o outro.”

Esses breves relatos registrados em meu diário de campo ilustram as questões envolvidas nos métodos que têm sido utilizados entre geógrafas(os) feministas e *queers*. Os dois primeiros registros do diário de campo me levam a refletir sobre como meu próprio corpo é percebido nos locais de pesquisa. Minha corporeidade, para usar o termo de Linda McDowell (1999), também é representada e interpretada pelos grupos que compõem o campo pesquisado. Meu corpo, assim como compreendo os corpos que estudo, não é um local onde a cultura se inscreve, mas é ativo na produção das percepções e, tal qual aponta Knoop (2007), constitui-se em ferramenta de pesquisa. Segundo o autor, a atenção à corporalidade de quem investiga e não apenas das pessoas investigadas, pode ser incorporada na realidade estudada. Durante o trabalho de campo, ao estar atenta às representações que minha corporalidade despertava e quais os parâmetros em que eu me tornava inteligível nos locais de pesquisa, pude perceber que meu ser tem também um gênero, uma cor, uma moralidade, uma classe e uma nacionalidade.

Contemplar a posicionalidade e a flexibilidade no processo investigativo exige um pensar da(o) cientista que envolve os outros, mas também de si mesma(o). Os relatos que apresentei anteriormente evidenciam que minha corporalidade não era invisível no campo de pesquisa e contemplá-la pode ser bastante produtivo. Knopp (2007) ao provocar a geografia com seu argumento de contemplar a experiência corporal de quem pesquisa, suas emoções, desejos e percepções alude ao fato de que o(a) sujeito(a) que pesquisa, mesmo contra sua própria vontade, é

percebido pelas pessoas pesquisadas e que as relações desencadeadas no ato investigativo permeia a interpretação dos espaços que podemos construir como geógrafas(os).

As interações construídas entre as pessoas envolvidas no ato investigativo do tipo reflexivo geram expectativas que devem ser consideradas válidas e explicitadas, retirando o(a) sujeito(a) que investiga da proteção da invisibilidade que permeia até mesmo o estilo de escrita impessoal, muitas vezes exigida no ambiente acadêmico. No entanto, a pesquisa qualitativa se defronta com impasses éticos de difíceis soluções, notadamente quando envolvem temas ligados às ilegalidades ou condutas infracionais. No segundo trecho apresentado, evidenciei uma situação de violência que passou a ser corriqueira em meu campo de pesquisa. Convivi com sentimentos, atitudes e posturas que afrontavam a organização de meus valores de vida e até nesse momento, não encontrei uma maneira simples de refletir e me posicionar quanto a isso.

Minha autoridade científica abalada pelo enfrentamento que Pandora deflagrou frente a meu roteiro de investigação evidenciou o tensionamento de nossas posicionalidades. Ela resistiu às hierarquias que colocam as(os) pesquisadoras(es) em patamares de saber mais elevados em relação aos saberes produzidos pelo senso comum com maestria. Pude exercitar com Pandora a “humildade intelectual” aconselhada pelo geógrafo Larry Knopp e compreender que é do encontro de motivações pessoais que se produz o conhecimento de uma dada realidade que é sempre parcial, situacional e em permanente processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado argumentou sobre a indissociabilidade entre as transformações das imaginações ontológico-geográficas e seus inerentes desafios, discutindo a posicionalidade do pesquisador na prática da pesquisa e a interseccionalidade como conceito a ser explorado na geografia. Ao finalizar esse texto, quero reforçar o argumento de compreensão da investigação como processo a ser partilhado e debatido. É a partir da postura reflexiva em torno da prática investigativa geográfica que se pode produzir um saber “mais humano” para utilizar a expressão de Knopp (2007), capaz de dialogar com outros campos de saber e com as pessoas que produzem e fazem a geografia na sua existência cotidiana. Além disso, reforço que as geografias feministas e *queer* não são saberes que devem se manter auto-centrados e/ou isolados. Possuem focos de interpretação da realidade socioespacial que, de forma dialógica com os demais sub-campos da geografia, podem subverter o monotopismo e produzir pluriversalidades espaciais, enriquecendo nossa ciência como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and subversion of identity**. London: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"**. New York & London: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.
- DIAS, Karen e BLECHA, Jennifer. Feminism and Social Theory in Geography: An Introduction. **The Professional Geographer**, 59 (1), p. 01–09, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs and Women: the reinvention of nature**. London: Free Association Books, 1991.
- KNOPP, Larry. On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies. **The Professional Geographer**, 59 (1), p. 47–55, 2007.
- KOBAYASHI, Audrey e PEAKE, Linda. Unnatural discourse: 'race' and gender in geography. **Gender, Place and Culture**, v. 1, n. 2, p. 225-453, 1994.
- MCDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. pp. 667-710.
- LAURETIS, Tereza de. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, p. 305-320, 1997.